

Sobre a alma e o corpo: proximidades nos pensamentos de Tomás de Aquino e Henri Bergson

Edson Gonçalves da Silva

Doutorando em Filosofia [UFC]

Bolsista CAPES

edson.silva@alu.ufc.br

Resumo: O medievo proporcionou à idade moderna alguns pensamentos para serem pesquisados ou aprofundar temas de certa relevância para os dias atuais. Dentre esses temas está o diálogo a respeito da alma e do corpo. Por mais repetitivo que pareça, ainda é um assunto inesgotável das pesquisas e dos debates. Este artigo propõe possíveis considerações análogas, mesmo que sejam de épocas diferentes, para uma análise entre os pensamentos de Tomás de Aquino e Henri Bergson a respeito da alma e do corpo. Tomás de Aquino parte do pensamento de Aristóteles e ressignifica a alma, definindo-a como ato formal do corpo. Henri Bergson questiona se há alma e se é distinta do corpo. Para Tomás de Aquino, o corpo representa a porta de entrada para a construção cognitiva, considerando que os sentidos do corpo físico são necessários para operar a captação imagética do mundo sensível que nos cerca. Somente assim a alma pode elaborar o conhecimento. Por outro lado, para Bergson, o corpo e a alma possuem uma atividade relacional. Para ele, a alma não tem o mesmo sentido que o de Tomás de Aquino. Afirma que a alma e o espírito têm o mesmo sentido. A visão tomasiana é sintética ao posicionar a alma como um ente simples, ou seja, o que não é composto, e o corpo como aquilo que é composto. Bergson aborda pontos presentes na relação corpo e alma, tais como: sensação, memória, reminiscência, cérebro. A proposta deste artigo é uma exposição de percepções distintas que alcançam a contemporaneidade e que ainda não chegaram a uma definição.

Palavras-chave: Tomás de Aquino; Henri Bergson; Alma; Corpo.

Introdução

Há realmente uma alma? Se positivo, é distinta do corpo? Responderia Bergson (1974, p. 89): “[...] definir a essência de um e de outra é empresa que nos levaria bem longe; é mais fácil saber o que os une e o que os separa, pois, esta união e esta separação são fatos de experiência”. Por outro lado, Tomás de Aquino afirmaria ser a alma uma substância formal e imortal.

Essa resposta dada por Henri Bergson é um recorte muito pequeno, uma fissura retirada de uma das suas conferências¹ e propositalmente aqui colocada como provocação. Uma proposta que procure responder à questão da existência da alma parece estar longe da realidade apresentada por eles, ou seja, deveria ser primeiramente um experimento. No entanto, os esforços estão em procurar tanto em Tomás de Aquino quanto em Bergson aproximações conceituais entre o corpo e a alma. Claro que devemos interpor as devidas considerações temporais entre um e outro.

¹ Esta conferência apareceu, juntamente com outros estudos de diversos autores, no volume intitulado *O Materialismo Atual da Biblioteca de Filosofia Científica*, publicado sob a direção do Dr. Gustave Le Bon (Editora Flammarion).

Por isso, a partir deste ponto temos que considerar a existência da alma, mesmo que os autores possuam visões diferentes acerca dela; do contrário não existem razões para seguir em frente. As explicações procedem das observações que serão expostas no decorrer deste texto. Procuramos fazer singela analogia entre o corpo e a alma considerados por Bergson e Tomás de Aquino.

1. Analogia sobre o corpo nos respectivos pensamentos de Tomás de Aquino e Henri Bergson

No entendimento de Bergson o corpo e a alma têm um ponto de relação:

A verdade é que se pudéssemos, através do crânio, ver o que se passa no cérebro que trabalha, se dispuséssemos, para observar o interior do cérebro, de instrumentos capazes de aumentar milhões e milhões de vezes mais do que nossos melhores microscópios, se assistíssemos assim à dança de moléculas, átomos e elétrons de que é feita a substância cerebral, e se, por outro lado, possuísssemos a tábua de correspondência entre o cerebral e o mental, isto é, um dicionário que permitisse traduzir cada figura da dança na linguagem do pensamento e do sentimento, saberíamos tão bem quanto a pretensa “alma” tudo o que ela pensa, sente e quer, tudo o que ela acredita fazer livremente enquanto o faz mecanicamente. (BERGSON, 1974, p. 91)

É a alma que dá os significados das sensações oriundas do corpo. É importante traçar um caminho que defina a união e a separação deles a partir de um entendimento empírico. Esclarecer o que pode estar para além dos sentidos do corpo no que se refere a ultrapassar espaço e tempo segundo Bergson. As leis físicas estruturam e condicionam o mundo físico e tudo o que nele existe: “Cada um de nós é um corpo, submetido às mesmas leis de todas as outras partes da matéria”, afirma ele (BERGSON, 1974, p. 91). Para isso, alguns elementos que permitam a relação do homem com o mundo são necessários, ou seja, precisamos dos sentidos sensíveis capazes de apreenderem as coisas externas,

[...] pois nosso corpo se detém precisamente nos contornos que o limitam, enquanto pela nossa faculdade de perceber, e, mais particularmente, de ver, alcançamos o que está bem distante de nosso corpo: vamos até as estrelas. (BERGSON, 1974, p. 91)

Proposta que acompanha o pensamento de Tomás de Aquino a partir das concepções aristotélicas. Mas que sentidos são esses que possuem a potencialidade de perceber e extrair a imagem das coisas?

A alma requer um corpo, por ser dele sua substância, como afirma Aristóteles (2010, 412a): “a alma, portanto, tem de ser necessariamente uma substância, no sentido de forma de um corpo natural que possui vida em potência”. Tal afirmação ecoa em Tomás de Aquino (*STh*, I, q. 75, a. 1) quando ele reitera em seus estudos do *corpus thomisticum* que a alma “é o primeiro princípio da vida e não é corpo, mas ato do corpo”, e que “as naturezas intelectuais são formas subsistentes, mas não existentes na matéria como se o seu ser dependesse da matéria” (*ScG*, II, LI, 1268). Isso parece estar em certa concepção no pensamento de Bergson:

Primeiramente, reconheceremos que esta “alma” jamais opera sem um corpo. Seu corpo a acompanha desde o nascimento até a morte e, supondo-se que ela seja realmente distinta do corpo, tudo se passa como se ela estivesse realmente ligada a ele inseparavelmente. (BERGSON, 1974, p. 90)

Esta necessidade é uma sensação de pertença da alma pelo corpo, ou seja, ela não poderia se manifestar sem os sentidos físicos. Com determinada passividade, o corpo serve como um condutor sensitivo para a alma, uma vez que ele atua sobre ela construindo as sensações e esta, sobre o conhecimento. Portanto, o corpo é a composição de alma e matéria.

Em Tomás de Aquino, o corpo representa a porta de entrada para a construção cognitiva. Considera que ele completa a perfeição da alma quando estão unidos (*STh*, I, q. 90, a. 4). É com

a intenção de deixar muito clara sua posição a respeito do que é ‘corpo’ que Tomás de Aquino (*ScG*, II, L, 1260) o define como aquilo que é composto de matéria, forma e é corruptível; sua relação com o mundo físico se dá por meio dos sentidos externos. Os sentidos são elementos comuns estudados por Aquino e Bergson e, por isso, o ponto de vista de ambos parece ter certa convergência. Para aquele, os sentidos do corpo material são necessários para a captação das imagens do mundo externo, para que, assim, a alma possa conhecer. Os sentidos estão no corpo e estes são canais de entrada das coisas sensíveis. Os sentidos externos são estimulados de forma direta, provocando nos sentidos internos uma impressão diferenciada.

Bergson converge com o pensamento de Tomás de Aquino ao ponderar que perceber e apreender o mundo físico pelos sentidos é condição empírica fundamental para desenvolver a vontade e a liberdade. É importante salientar que o cérebro seria uma espécie de agente responsável por perceber através dos sentidos o atendimento da vontade demandada pelo espírito. Assim, mantida a relação com o cérebro, o espírito pode agir no espaço e tempo de uma realidade.

Nesse ponto, Tomás de Aquino considera que a percepção é uma potencialidade presencial na alma que abarca todo o corpo; ela possui uma sensação tátil espiritual. Tal condição favorece perceber por todo o corpo e por qualquer sentido da matéria, sendo que cada sentido possui a faculdade de perceber e operar no que lhe é potencial. A percepção opera como um elemento estimulador que auxilia a alma a entrar em ação. Assim, parece que perceber ora é potência, ora é ato, conforme ocorra ou não uma afecção.

Em Bergson, a função cerebral é de fundamental importância e responde por grande parte dos movimentos físicos do indivíduo para o qual se destina sua resposta ao mundo. Diz ele:

Nosso corpo, inserido no mundo material, recebe excitações às quais deve responder por movimentos apropriados; o cérebro e, aliás, o sistema cérebro-espinhal em geral preparam estes movimentos; mas a percepção é coisa totalmente diferente. (BERGSON, 1974, p. 96)

A outra parte que falta para completar o todo funcional do cérebro, ele aponta para os “movimentos voluntários”, os quais são desenvolvidos por um “eu” (alma ou espírito) que parece dissociado das funções cerebrais. Mas, segundo Bergson, o “eu” é algo que está ligado ao corpo e atua livremente por vontade própria tanto no espaço físico quanto no temporal.

Mas, ao lado destes movimentos que são provocados mecanicamente por uma causa exterior, existem outros que parecem provir do interior e que diferem dos precedentes por seu caráter imprevisível: chamamo-los “voluntários”. Qual é a sua causa? É aquilo que cada um de nós designa pela palavra “eu”. E que é o “eu”? Algo que parece, com ou sem razão, ultrapassar todas as partes do corpo a que está ligado, ultrapassar tanto no espaço quanto no tempo. (BERGSON, 1974, p. 89)

No que diz respeito ao espaço físico, ele cita os sentidos da visão e da audição. Àquele, pertencem os sentidos mais apurados que uma vez ligados ao cérebro pela nervura espinhal são capazes de apreender o mundo a sua volta. Uma vez conectado ao plexo nervoso, o cérebro pode comandar o corpo e “executar os movimentos voluntários”. Isso leva a concluir que o cérebro é o instrumento adequado entre o “eu” e o corpo.

2. Analogia sobre a alma e suas potencialidades nos respectivos pensamentos de Tomás de Aquino e Henri Bergson

A alma, juntamente com o corpo, possui algumas potencialidades que são apresentadas tanto por Tomás de Aquino quanto por Henri Bergson. São considerações que ora se aproximam ora se distanciam conforme a visão que cada um em seu tempo procurou experienciar.

Tomás de Aquino sintetiza a definição da alma como o que não é composto. Logo, a alma não é corpo por não ser composta. Assim, está em toda a parte como ato do ser. A partir dessa

ocupação, a alma intelectual, pela própria vontade, usufrui dos sentidos corpóreos. O aquinate apresenta uma alma unida ao corpo e o intelecto como atributo potencial dela (*ScG*, II, LXII, 1399).

Contudo, para Bergson, a alma e o espírito têm o mesmo sentido:

[...] apreendemos algo que se estende muito mais longe que o corpo no espaço e que dura através do tempo, algo que solicita ou impõe ao corpo movimentos não mais automáticos e previstos, mas imprevisíveis e livres: isto, que ultrapassa o corpo por todos os lados e que cria atos ao se criar continuamente a si mesmo, é o “eu”, é a “alma”, é o espírito — o espírito sendo precisamente uma força que pode tirar de si mesma mais do que contém, devolver mais do que recebe, dar mais do que possui. Eis o que cremos ver. (BERGSON, 1974, p. 90)

A alma comanda o corpo com movimentos independentes, pois é ela, segundo afirma, uma força maior que está além do corpo. Haja vista ela precisar dele para se relacionar com o mundo. Nesta proposta, Bergson (1974, pp. 90-92) também considera que a alma e a consciência são a mesma coisa. Assim, fica entendido que alma, espírito e consciência possuem a mesma semântica.

Outra questão definida em Bergson é a superioridade do espírito sobre o cérebro, considerando neste contexto um novo elemento: a mente. Desta maneira, as atividades realizadas pelo corpo, pelo espírito e pela mente parecem independentes, ou seja, funcionam separadamente, uma vez que a mente está para o espírito como o corpo para o mundo.

No tocante ao cérebro, Bergson o define como agente principal pela manifestação organizada do espírito junto ao corpo:

[...] o cérebro sendo o conjunto de dispositivos que permitem ao espírito responder à ação das coisas por reações motoras, efetuadas ou simplesmente nascentes, cuja justeza assegura a perfeita inserção do espírito na realidade. (BERGSON, 1974, p. 99)

Para Bergson o pensamento é uma atividade cerebral que responde aos impulsos que o mundo requisita. Esta produção de pensamento a partir de um imaginário estaria no próprio espírito, guardada, sem necessariamente ter um lugar fixo para armazenar as imagens.

Tomás de Aquino diverge da posição bergsoniana a respeito de um lugar para armazenar as imagens. Segundo ele, para que a alma consiga formar sua operação, é de fundamental importância que tenha condições de armazenar as percepções do sensível. Uma vez captadas e retidas tais informações do mundo sensível, faz-se necessário o registro impresso das imagens ou fantasmas [*phantasmata*] pela imaginação, para serem consultadas quando não mais houver objeto. Tratamos aqui da memória, que arquiva as imagens intencionadas (*STh*, I, q. 78, a. 4) e se coloca como responsável por guardar e manter os fantasmas ou imagens.

A memória é de fundamental importância para a operação do intelecto e para a construção do conhecimento. Essa conservação ou armazenamento está na mente que é atuante no corpo, logo, não é uma faculdade da alma, mas uma potencialidade do corpo material: “As lembranças lá estão, acumuladas no cérebro sob forma de modificações impressas num grupo de elementos anatômicos: se elas desaparecem da memória, é porque os elementos anatômicos em que repousavam foram alterados ou destruídos” (BERGSON, 1974, p. 100). Observada esta condição da mente, podemos deduzir que, para além dessa possibilidade, a memória parece estar presente tanto na condição sensitiva como na intelectual.

O posicionamento de Bergson a respeito da memória é direcionado para exemplos de danos cerebrais que repercutem no corpo físico:

Além do mais, a ciência localiza em certas circunvoluções precisas do cérebro certas funções determinadas do espírito, como a faculdade de efetuar movimentos voluntários, de que se falou há pouco. Lesões em tal ou tal ponto da zona rolândica, entre o lóbulo frontal e o parietal, acarretam a perda de movimentos do braço, da perna, do rosto, da língua. (BERGSON, 1974, p. 90)

Ao fazer correspondência entre dano cerebral e deficiência física, ele parece procurar demonstrar a importância do cérebro para o corpo. Com relação à memória, também pressupõe sua localização em determinada região cerebral:

Mesmo a memória, que é tida como função essencial do espírito, pôde ser localizada em parte: junto à terceira circunvolução frontal esquerda estão as lembranças dos movimentos de articulação da fala; numa região que compreende a primeira e a segunda circunvoluções temporais esquerdas conservam-se as lembranças do som das palavras; na parte posterior da segunda circunvolução parietal esquerda estão depositadas as imagens visuais das palavras e das letras, etc. (BERGSON, 1974, p. 90)

Segundo Bergson (1974, p. 103), a função do cérebro não implica a guarda das imagens, mas sua reativação, quando necessário.

Nos pontos apresentados acima paira a dúvida sobre em que esfera fica o pensamento. Por outro lado, o aquinate considera que o pensamento recorre à imaginação para formatar a memorização, como demonstrado.

Para Bergson (1974, p. 91), o pensamento não constitui uma mobilização de imagens, mas um direcionador que muda constantemente sua posição externa como resposta de ações que o espírito precisa.

As impressões que os objetos imprimem no cérebro aí permanecem como imagens numa placa sensível ou fonogramas em discos fonográficos; da mesma forma que o disco repete a melodia quando fazemos funcionar o aparelho, assim também o cérebro ressuscita a lembrança quando a estimulação desejada se produz no ponto em que a impressão está depositada. (BERGSON, 1974, p. 91)

Este momento Bergson (1974, p. 97) alega serem as ideias se formando quando há essa imobilização. Ademais, para o filósofo francês (BERGSON, 1974, p. 102), a memória e a consciência significam o mesmo.

Tomás de Aquino posicionou-se contrariamente a este pensamento em seus estudos no medievo quando definiu a consciência como uma substância espiritual. Ela não só não se confunde com a alma como é considerada uma substância subsistente em si, diz ele (*ScG*, LI, 1268).

Entretanto, a proposta de Bergson aponta para um aspecto em que a consciência influi diretamente na plena necessidade de atender as solicitações naturais do corpo físico.

[...] chegamos à conclusão de que o artifício constante da consciência, desde suas mais modestas origens nas mais elementares formas vivas, é converter para seus fins o determinismo físico, ou melhor, inflitar a lei de conservação da energia, obtendo da matéria uma fabricação sempre mais intensa de explosivos cada vez mais utilizáveis [...]. (BERGSON, 1974, p. 92)

Portanto, a consciência conjugada com o cérebro opera independentemente do corpo e este executa suas ações quando necessárias:

Assim, a consciência está incontestavelmente acoplada a um cérebro, mas não resulta de nenhum modo disto que o cérebro desenhe todos os detalhes da consciência, nem que a consciência seja uma função do cérebro. (BERGSON, 1974, p. 92)

Assim, estruturamos nossas ações pautados nas informações retidas na memória.

Todavia, o pensamento e a memória não são os únicos elementos que trouxeram elucidaciones divergentes entre Tomás de Aquino e Bergson. Por exemplo, como eles apresentam suas definições a respeito das lembranças?

A respeito do assunto, o aquinate afirma que tanto os homens como os animais possuem a potencialidade da lembrança (registro na memória), mas somente no homem é possível recordar. Portanto, o homem tanto pode ter lembranças como recordações ou os dois ao mesmo tempo.

Na perspectiva de Bergson a relação do passado (lembranças) com o presente propõe uma ida do espírito ao registro memorial (recordação), enquanto o corpo invariavelmente está fixo no

momento presente. O corpo mantém as impressões dos fatos vivenciados no cérebro. É nele que ficam registradas todas as ações do mundo físico. Bergson rejeita a possibilidade de as imagens ficarem na memória. Segundo ele (1974, p. 100), haveria inúmeros registros da mesma imagem. Todavia, a imagem apresentada pela consciência é a mesma, porém atualizada no instante da lembrança. As impressões cerebrais estão sujeitas a danos, uma vez que seus registros se encontram no cérebro. Com isso há um comprometimento das lembranças.

Considerações finais

Corpo e alma é um assunto que instiga. Temas que por muito tempo tiveram o viés teológico. Tomás e Bergson retêm para si um conhecimento distinto, às vezes muito distinto, mas, em determinados pontos, convergem para um aceite provável. É quando se observa que alma e corpo existem, funcionam e operam em razões diferentes. No aquinate o foco está no comando da alma e na inteligibilidade da alma para o esclarecimento da imagem percebida e apreendida pelos sentidos do corpo. O tomismo-aristotélico procura colaborar no direcionamento racional destas questões. Para Tomás de Aquino, o corpo representa a porta de entrada para a construção cognitiva, considerando que os sentidos do corpo físico são necessários para operar a percepção e apreensão da realidade do mundo sensível que nos cerca. Somente assim a alma pode elaborar o conhecimento. A visão tomasiana é sintética ao posicionar a alma como um ente simples, ou seja, o que não é composto, e o corpo como aquilo que é composto; são distintos e dependentes um do outro.

Por outro lado, para Bergson, o corpo e a alma possuem uma atividade relacional. Para o filósofo francês, a alma não tem o mesmo sentido que em Tomás de Aquino, que afirma que a alma e o espírito são correlatos. Ao ler Bergson, observamos sua genialidade ao propor o assunto como uma pauta realista. Sua leitura demarca certa lógica para as definições que parecem estar perdidas ou polarizadas. Nele podemos observar que não há certo nem errado, porém a razão deve guiar a busca da melhor resposta para o assunto em questão. A alma encontra-se emaranhada em todo um processo neurofisiológico capaz de organizar e comandar os desejos da mente. Bergson traz uma reflexão diferente e aborda pontos como: sensação, memória, reminiscência, cérebro.

São pontos que aproximam o aquinate e Bergson em diferentes reflexões. Como demonstramos, é um assunto inesgotável para pesquisas e debates. Este artigo propôs considerações entre dois grandes pensadores em pontos análogos. De certo que estão em épocas diferentes, logo suas visões de mundo são diferentes. Por isso, para uma análise entre os pensamentos de ambos a respeito da alma e do corpo devemos nos despir da parcialidade e encontrar convergências em seus estudos.

Talvez pareça não pertencer ao cerne da filosofia, no entanto, como vimos, as implicações estão além de uma análise experiencial ou teológica. Os pensamentos propostos por Tomás de Aquino e Henri Bergson são extensos e requerem uma pesquisa mais profunda e detalhada no que se refere ao corpo e à alma. As abordagens contidas nesses pensamentos estão distantes entre si na própria visão de mundo de cada um. Mas suas reflexões, embora divergentes em determinados pontos, servem como estímulo para avançar pesquisando e aprimorando novas descobertas.

Bibliografia

ARAÚJO JÚNIOR, A. B. *O corpo obstáculo e o corpo possibilidade: um comentário ao Fédon de Platão*. Artigo. Departamento de Filosofia – UFRN. Disponível em: <https://www3.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/corpo%20obstculo%20e%20corpo%20possibilidade.pdf>.

ARISTÓTELES. *Sobre a alma*. Tradução de Ana Maria Lóio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da moeda, 2010.

BERGSON, H. Cartas, conferências e outros escritos. In: *Bergson*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os pensadores).

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

AVICENA. *Livro da alma*. Tradução, introdução e notas de Miguel Attie Filho. São Paulo: Globo, 2010.

CASTRO, S. O. *O conceito de memória em Tomás de Aquino a partir da obra 'a memória e a reminiscência' de Aristóteles*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Universidade Federal Fluminense, 2017.

CRUZ, L. C. L. *A alma do embrião humano: a questão da animação e o fundamento ontológico da dignidade de pessoa do embrião*. Dissertatio ad Doctoratum in Facultate Bioeticæ Pontificii Athenaei Regina Apostolorum, Roma. Faculdade de Bioética, Brasil. Anápolis: Múltipla, 2013.

ECCLES, J. C.; POPPER, K. R. *O cérebro e o pensamento*. Tradução de Helena C. F. Arantes e Aurélio O. C. de Oliveira. São Paulo: Papirus/UNB, 1992.

TOMÁS DE AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios*. Vol. I. Tradução de Odilão Moura. Porto Alegre: EST/SULINA/UCS, 1990.

_____. *Suma contra os gentios*. Vol. II. Tradução de Odilão Moura. Porto Alegre: EST/Edipucrs, 1996.

_____. *Suma teológica*. Vol. II. São Paulo: Loyola, 2002.